Publicado em 28/02/2022 - 05:54

Após ameaça nuclear, Rússia e Ucrânia marcam negociação

MARTA SFREDO
marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Camila Silva | camila.silva@zerohora.com.br

Swift, uma bomba atômica nas finanças

Enfim, a União Europeia propôs a remoção de "um certo número de bancos russos" do Swift, sistema internacional de transações financeiras. Quase ao mesmo tempo, a Casa Branca divulgou nota anunciando "medidas restritivas que impedirão o Banco Central da Rússia de utilizar as suas reservas internacionais". Como a coluna mostrou, a Rússia havia quase duplicado suas reservas cambiais e triplicado a compra de ouro desde 2015, logo depois da invasão e anexação da Crimeia.

Na época, a saída do Swift, considerada a "arma nuclear" das sanções econômicas, chegou a ser discutida. O então primeiro-ministro russo, Dmitri Medvedev, avisou que equivaleria a uma "declaração de guerra". O ministro das Finanças de 2014, Alexei Kudrin, estimou que causaria queda de 5% no PIB.

Esse sistema, é bom lembrar, não executa pagamentos, mas é considerado uma "internet dos bancos". Sem o Swift, seria preciso usar e-mail ou fax, o que levaria mais tempo e embutiria mais riscos.

Segundo Mauro Rochlin, professor de MBAs da Fundação Getulio Vargas (FGV), o Switf interliga os bancos que operam transferências transnacionais.

– Se um banco ou um país inteiro não participa, fica impedido de participar do sistema bancário internacional. Não tem como receber ou fazer transferências de recursos, o que na prática significa que fica impedido de negociar.

O que existe até agora é uma declaração de intenções: a presidente da Comissão Europeia (cargo equivalente ao de primeira-ministra ou presidente de um país), Ursula von der Leyen, anunciou uma "proposta", que ainda precisa ser aprovada. Mas se basta apertar o botão do Swift para desligar os bancos russos, por que houve tanta hesitação?

Como toda "arma nuclear", a retirada de bancos russos do Swift pode espalhar radiação no comércio global e mesmo no sistema de pagamentos internacionais. E atinge tanto as empresas russas quanto seus clientes estrangeiros, especialmente importadores de petróleo e gás, mas também trigo e milho.

– Em um mundo globalizado, as fronteiras financeiras também são tênues. Quanto uma ação de um país pode impactar outros e eximi-lo desse efeito? É difícil imaginar que algum fique isento dos malefícios e só sujeito aos benefícios – pondera Rochlin.

Não por acaso, a Alemanha, que terá "grandes repercussões" com a medida, foi o último a ser convencido da necessidade de retirar a Rússia do Swift. Antes de avaliar as consequências, será preciso conhecer o "certo número de bancos".

Após ameaça de arma nuclear, encontro poderá cessar guerra

Putin colocou arsenal de destruição em massa em prontidão, mas também enviou equipe para negociar paz com ucranianos

DIMITAR DILKOFF, AFP

Um civil caminha em frente a um prédio destruído por mísseis russos na cidade de Vasylkiv, nas proximidades de Kiev

Ucranianos estão sob a ameaça de armas nucleares russas. O presidente Vladimir Putin ordenou que as forças de dissuasão nuclear fossem colocadas em alerta máximo, em uma dramática escalada das tensões entre a Rússia e o Ocidente em torno da invasão na Ucrânia.

Na prática, a medida coloca as armas nucleares da Rússia em prontidão de lançamento, aumentando os temores de que a invasão possa se transformar em guerra nuclear. A ameaça chega após os Estados Unidos e a Europa imporem duras sanções contra a Rússia e o próprio Putin (*leia mais na página 13*). Em reunião com seus altos funcionários, Putin afirmou, ontem, que as principais potências da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan – a aliança militar do Ocidente) fizeram "declarações agressivas" contra seu país.

– Os países ocidentais não estão apenas tomando ações hostis contra nosso país na esfera econômica, mas altos funcionários dos principais membros da Otan fizeram declarações agressivas sobre nosso país – disse Putin em comentários televisionados.

Putin já havia dito que haveria fortes retaliações contra qualquer nação que interviesse diretamente no conflito na Ucrânia, citando o status de seu país como uma potência nuclear.

Acordo

Ao mesmo tempo, parece ter avançado no final de semana uma possibilidade de cessar-fogo. O Kremlin informou que comitiva de autoridades russas desembarcou, ontem, em Gomel (Belarus), para negociar com o governo ucraniano – no gesto mais concreto de diplomacia partindo de Moscou desde o início da invasão, que se iniciou na última quinta-feira.

Uma delegação de representantes dos "ministérios das Relações Exteriores, da Defesa e de outras pastas, incluindo a administração presidencial, chegou a Belarus para negociações com os ucranianos", informou o porta-voz da presidência russa, Dmitri Peskov.

– A delegação russa está pronta para as negociações e agora estamos esperando os ucranianos – acrescentou Peskov.

Logo após o anúncio do Kremlin, o presidente da Ucrânia, Volodmir Zelensky, afirmou que estava pronto para negociar com a Rússia, mas não em Belarus (aliado russo). Segundo Zelensky, as conversas precisariam ocorrer em um país neutro:

– Queremos a paz, queremos nos encontrar, queremos o fim da guerra. Varsóvia, Bratislava, Budapeste, Istambul, Baku... Propusemos tudo isso ao lado russo. Qualquer outra cidade funcionaria para nós também, em um país de cujo território os foguetes não estejam sendo disparados.

Encurralado, Zelensky mudou de ideia. Seu gabinete afirmou que o presidente de Belarus, Alexander Lukashenko, ligou para Zelensky para formalizar o convite. Assim, o governo ucraniano destacou que o encontro foi aceito sem "precondições" e que será no sul de Belarus, na fronteira com a Ucrânia. Horário ou data não foram divulgados.

– Vamos conversar para que nenhum cidadão ucraniano ache que não agi para parar essa guerra quando tive uma chance – disse Zelensky.

Combate

O esforço diplomático ocorre em um cenário em que tropas russas conquistaram avanços em solo ucraniano, mas não têm controle de Kiev e Kharkiv, as duas maiores cidades do país.

Após início avassalador, invadindo a Ucrânia em três frentes, os russos encontraram resistência nesses locais por parte do exército ucraniano, ajudado por civis armados com fuzis e até bombas incendiárias. O exército ucraniano disse que, ainda ontem, as duas cidades permaneciam sob seu controle. "As tropas inimigas, privadas de reabastecimento de combustível e munição, estão paradas (*em Kiev*)", acrescentou.

Além disso, autoridades americanas e ucranianas informaram que dois aviões russos de transporte militar Ilyushin Il-76 foram derrubados.

Resumo do dia

- Ao mesmo tempo em que colocou armas nucleares em prontidão para lançamento, o governo russo afirmou que uma delegação do país desembarcou em Belarus para negociar a crise com autoridades ucranianas. Inicialmente, o presidente da Ucrânia não queria dialogar num país aliado dos russos, mas mudou de ideia e confirmou que o encontro iria ocorrer em breve.
- Kiev, ontem, esteve sob ataque na madrugada, registrando grandes explosões e tiros perto de prédios governamentais no centro ao amanhecer. Em Kharkiv, tropas russas com blindados chegaram a oito quilômetros do centro. Porém, autoridades da Ucrânia afirmaram que seguiam com o controle dessas que são as duas maiores cidades do país.

Cresce a pressão da UE contra a Rússia

Milhares marcham em Berlim

Copyright © Clipclap 2025.

A rota dos desesperados

As silhuetas dos corpos em movimento em meio à escuridão só são identificadas graças ao giroflex dos carros da polícia. O azul das luzes ilumina rapidamente os vultos. Depois que os veículos passam – e passam muito rápido por nós –, o breu toma conta. Fica, então, ainda mais difícil caminhar entre pedregulhos, buracos de obras inacabadas e barreiras de contenção no caminho de quem ingressa a pé na Polônia.

O caminho do desespero de quem foge da guerra na Ucrânia não termina quando se cruza o posto fronteiriço de Medyka, vila no condado polonês de Przemysl. É preciso caminhar um pouco mais no escuro, sob frio de -2°C, em busca de um abrigo nos povoados vizinhos. Quem tem sorte consegue embarcar em um dos ônibus disponibilizados pelo governo. A prioridade é para mulheres e crianças.

ZH chegou à fronteira da Ucrânia no sábado, às 18h06min (14h06min pelo horário de Brasília), após uma viagem de cinco horas de carro a partir de Varsóvia. Enquanto percorro também a pé o sentido inverso, em direção ao posto fronteiriço, é possível identificar as sombras de mães com bebês no colo e poucos homens com crianças na faixa dos quatro anos nos ombros. Há pessoas empurrando carrinho de supermercados com o que conseguiram trazer na fuga, enquanto outras puxam apenas uma mala pequena, dessas permitidas de se levar dentro da cabine dos aviões.

Quando tudo volta a ficar escuro, no intervalo entre a passagem das viaturas, quase esbarro em pessoas sentadas ao chão, entre bagagens, cobertores e travesseiros.

Quem chega do inferno ucraniano segue certo ritual. Com um passo, vence a cancela que indica que a fronteira entre Ucrânia e Polônia foi superada. Então, larga por um instante a mala, verifica se o celular tem sinal e busca identificar na multidão em frente ao portão algum olhar conhecido. Em geral, não encontra. Vê diante de si repórteres em busca de um relato, policiais tentando impor alguma ordem, moradores das redondezas, curiosos e até gente tentando arrancar algum dinheiro de quem deixou praticamente tudo para trás.

Voluntários

Sim, na guerra há sempre os aproveitadores. Mas há também os voluntários. Esses são responsáveis por gestos grandiosos: distribuem água, sanduíches e papel higiênico às famílias ucranianas recém-chegadas. Alguns doam até abraços. Quando observam alguém sozinho, caminham em sua direção e o acolhem. Depois, prestam orientação e verificam se têm onde ficar. Outros voluntários preferem o anonimato. Dedicam-se, por exemplo, a escrever com pincel atômico azul um "bem-vindo à Polônia" em pedaços de papel anexados a peças de roupa ou brinquedo no chão. Era o caso de um rapaz que preparava o mimo a quem pegasse uma caixa de máscaras de proteção, enquanto, ao lado, uma menina, incentivada pela mãe, escolhia uma pelúcia rosa como companheira de viagem daqui para frente.

Tudo isso – água, comida, itens de higiene, brinquedos, roupas e cobertores – está posicionado em um grande terreno ao lado da cancela que demarca a fronteira. Mas não há muita organização. As roupas e os brinquedos estão jogados no chão. Cada um chega, examina uma peça, escolhe e leva. Uma única luz de emergência ilumina o local.

Do outro lado, há mais produtos. Krzysztof Bumbul, 35 anos, trouxe ajuda de Varsóvia. Ele e dois amigos deixaram a capital polonesa na manhã de sábado em três veículos carregados com garrafas de água mineral e caixas de sanduíches.

– Reservamos espaço nos carros porque pensamos inclusive em dar carona para alguém que precise – explicou.

Os relatos de quem consegue sair são chocantes: milhares de pessoas acumuladas em um portão a cerca de 300 metros de onde a reportagem de ZH está posicionada. A fuga virou um funil: há muito mais gente do que a capacidade de vazão por parte das autoridades polonesas. Em 24 horas, o número de pessoas que saíram da Ucrânia mais do que dobrou, passando de 150 mil para 368 mil.

Há muitas mulheres e crianças nas levas de refugiados. Homens com entre 18 e 60 anos foram convocados a ficar na Ucrânia e resistir. Alona (ela prefere não dizer o sobrenome), 27 anos, conta que deixou Kiev primeiro por trem. O pai a levou à estação. Mas ele ficou porque foi convocado a lutar pela resistência da cidade. Ela diz que o governo lhe deu uma arma. A mãe, médica, também foi recrutada para ajudar nos hospitais.

A jovem, que morou em Varsóvia anos atrás, voltou a seu país para tentar trabalhar. Ocupou-se de uma estética, tentou marketing digital, design, mas seus planos foram interrompidos pela crise econômica e pela guerra anunciada.

– Minha vida está destruída por esse filho da p. do Putin – diz, chorando de raiva.

Acompanhada de uma cidadã tcheca, Alona pretende, agora, buscar amigos na capital polonesa para passar alguns dias em suas casas até o conflito terminar.

Diferentemente de Alona, quem escolhe fugir por Medyka, em geral, mora em Lviv, cidade no oeste da Ucrânia que ainda não vive o inferno da capital. Em Medyka, acomodações temporárias estão sendo oferecidas. A maioria dos refugiados não fica no povoado. Segue para outros lugares da Polônia, depois de receber uma refeição quente em uma escola a um quilômetro do posto fronteiriço. Não é permitido acesso de jornalistas ao local. Um policial à frente do portão da entidade informou que havia cerca de cem pessoas ali.

A plataforma da esperança: a estação de trem de Przemysl, na Polônia

Circulando pelas ruelas contornadas por casas antigas com telhados triangulares, não é difícil imaginar Przemysl durante a II Guerra Mundial. A batalha pela defesa da cidade começou em 11 de setembro de 1939, quando as tropas nazistas invadiram a Polônia. A resistência à Wehrmacht durou apenas três dias. Em 14 de setembro, Przemysl caiu.

Hoje, a cidade do sudoeste polonês, com 60 mil habitantes, é cenário de esperança. É assim que os ucranianos em fuga de outra batalha, a de Kiev, a 650 quilômetros daqui, veem os vizinhos. E nenhum local resume melhor esse sentimento do que a plataforma número 5 da imponente estação central de Przemysl. É ali que desembarcam centenas de refugiados que conseguem embarcar em trens lotados na metrópole da guerra ou em outras cidades ucranianas arrebatadas pelo conflito e unidas pelas estradas de ferro a caminho da Polônia, como Lviv.

Do lado de fora, aos cartazes habituais com boas-vindas na espera por viajantes foi acrescentada outra frase: oferece-se moradia. Ao menos por alguns dias.

Muitos voluntários correram à estação em apoio às famílias recém-chegadas. Em frente à plataforma 5, há água e comida. É no interior do prédio transformado em campo de refugiados às pressas que o drama é mais visível. Há pessoas sentadas ao chão, com cobertores às costas, gente sorvendo sopa sem talheres, no prato mesmo, e crianças em carrinhos com as bochechas rosadas pelo frio aos prantos.

O caos é só aparente. Cada sala tem sua função: umas servem de dormitório a mulheres e crianças, em outras há comida quente e apoio médico. ZH testemunhou uma espécie de triagem: em mesas improvisadas, funcionários da prefeitura local questionam a situação de cada refugiado. Quem deseja seguir até Varsóvia consegue uma vaga em algum trem próximo, de graça. Basta apenas paciência.

Iryna, 28 anos, está sentada no chão, ao lado da mãe e de uma irmã, que estão nas cadeiras de cor cinza da estação. Os refugiados, em geral, falam pouco com a imprensa. Por pressa ou por constrangimento. Iryna só diz que chegou em um dos últimos trens saídos de Kiev.

– Sabe aquele prédio de apartamentos que foi atingido pelas bombas, que apareceu na TV? Era perto do meu – afirma, sem identificar exatamente a qual dos edifícios se refere, uma vez que a Rússia tem, cada vez mais, atingindo empreendimentos civis.

A pedido do governo polonês, o prefeito, Wojciech Bakun, como todos os outros do país, teve de designar propriedades como abrigos de emergência. O acolhimento é uma política financiada pelo Estado. Em toda a Polônia, vivem cerca de um milhão de ucranianos. Esse fluxo aumentou após anexação da Crimeia, em 2014. A expectativa é de que esse número dobre com a invasão de 2022.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Conflito **Pagina:** 9,12, a 15

Copyright © Clipclap 2025.